

## POR QUE TANTA HOMENAGEM PARA O PELÉ?

*por Marco Antonio Barbosa*

No último dia 29 de dezembro, estava sentado confortavelmente em meu sofá vendo televisão, quando fui surpreendido com a notícia da morte de Edson Arantes do Nascimento. Fui tomado por uma imensa tristeza, só ocorrida comigo, quando da morte de meu primeiro ídolo, meu inesquecível pai, e de meu segundo ídolo, José Teles da Conceição, o Zé Teles, como era conhecido em Olaria - bairro em que nasci, passei toda a minha infância e adolescência e onde moro até hoje. Acho que vou morrer lá!

Eram os anos 1960, eu já tinha cerca de 14 anos. Zé, era alto, forte, esguio, cordial, educado, cavalheiro e bonito. Já estava com uns trinta e cinco anos, era um campeoníssimo no atletismo, tinha participado das Olimpíadas de 1952, em Helsinque, capital da Finlândia. Ele, imaginem, foi um homem negro que contrariou todos os preconceitos quase intransponíveis da época, para disputar os 200 metros, Salto em Altura e Revezamento 4x100 metros e sagrar-se campeão com a Medalha de Bronze no Salto em Altura.

Eu o admirava muito pelas suas conquistas, era o meu primeiro ídolo esportivo, palpável e concreto, bem ali pertinho de mim. Vale ressaltar que esta Medalha do Zé foi ofuscada pela Medalha de Ouro do grande salto triplista, Ademar Ferreira da Silva. Outro homem negro vencedor para além do Atletismo.

Zé morreu em 1974, aos quarenta e três anos, assassinado no bairro de Ramos, pertinho de Olaria. Já tínhamos violência nesta época. Eu tinha 22 anos e me lembro como se fosse hoje aquele dia intensamente triste: morria o meu primeiro ídolo esportivo.

Voltando ao anúncio da morte do Pelé, no dia seguinte, decidi almoçar uma excelente feijoada servida num restaurante localizado em um dos mais famosos shoppings da Zona Norte do Rio. No caminho pra lá, fui pensando e imaginando o que os grandes nomes da cultura do comentarismo e jornalismo carioca, fossem cariocas ou não, fariam e escreveriam sobre a morte de Pelé.

Qual seria a postura dos grandes mestres da imprensa carioca - pensadores, articulistas, cronistas, intelectuais, radialistas - que já se foram? Nelson Rodrigues, João Saldanha, Armando Nogueira, Oldemário Touguinhó, Achilles Chirol, Cláudio Mello e Souza, José Ignácio Werneck, Carlos Drummond, Paulo Pontes, Oduvaldo Vianna, Oto Lara, Mário Filho, Luís Mendes, Rui Porto, Waldir Amaral, Jorge Curi, Doalcei Camargo, Orlando Batista, Januário de Oliveira, Jô Soares, Chico Anísio, Ricardo Serran, Ferreira Gullar, Clóvis Filho,

Carlos Marcondes, Sergio Noronha, Sandro Moreira, Millôr Fernandes e Paulo Francis. Esses, entre tantos outros, foram, definitivamente, os maiores responsáveis por divulgar e alardear, insistentemente, as qualidades de Pelé, meu segundo ídolo esportivo.

Acabei de almoçar e estou comendo a sobremesa, quando escuto comentários de três jovens rapazes, na casa dos trinta e poucos anos de idade, que também finalizavam o almoço “Por que tanta homenagem para o Pelé? Para fulano não foi assim...”. Aí, me saltou a necessidade de dizer para eles, o porquê de tantas homenagens para Pelé.

Bom, esta história é longa e começa, efetivamente, quando dois jogadores, também negros, da seleção brasileira de futebol, o goleiro Barbosa e o lateral esquerdo Bigode, foram responsabilizados pela derrota da Copa de 1950. A imprensa, principalmente a paulista e mais detalhadamente a paulistana, execraram os dois atletas, que eram cariocas.

Anos depois, ao contrário dos colegas de São Paulo, a imprensa carioca ficou extasiada com a performance de um jogador que despontou em um jogo do Santos contra o América, em 1957. Daí pra frente todos cariocas passaram a idolatrar o menino chamado Pelé.

Os anos se seguiram e o Santos Futebol Clube só jogava no Rio de Janeiro, antigo Estado da Guanabara, quatro ou cinco vezes no ano, pelo antigo Torneio Rio-São Paulo. E nós, jovens torcedores cariocas, que éramos apaixonados por Pelé, íamos ao Maracanã, qualquer que fosse o adversário, só para vê-lo jogar: Flamengo, Fluminense, Vasco, Botafogo e às vezes até contra o “Ameriquinha”. Em caravana, saíamos de Olaria em direção ao Maracanã de trem, para - parafraseando o antropólogo Darcy Ribeiro - “antingíamos o orgasmo”. Essa excitação existia, porque naquela época não havia televisionamento de jogos e nossa imaginação fervia com o que ouvíamos dos radialistas e dos cronistas do rádio e do jornal. Acreditávamos no que escutávamos e ficávamos aguardando o próximo jogo do Santos, para ver o intenso Pelé.

O Santos deu incríveis goleadas no Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco, no Rio, no Maracanã, com inúmeros gols de Pelé. E aí é que estava a maior graça: as poucas vezes que o nosso time de coração conseguia empatar ou ganhar, passávamos o resto do ano zombando dos torcedores dos outros times. Que delícia!

Para se ter melhor ideia do que era Pelé para o Rio de Janeiro, basta observar que o “Gol de Placa” foi marcado no Maracanã, contra o meu Fluminense; assim como o milésimo gol também foi marcado lá, contra o Vasco. O Santos com o Pelé jogou e ganhou o Mundial de Clubes em 1961 e 1963, no Rio e no Maracanã. O Pelé vestiu e jogou com todas as camisas dos grandes clubes cariocas, Flamengo, Fluminense, Vasco e Botafogo. Pelé, era ou não era, o cara do Rio?

Pelé para o Rio era apoteose futebolística, a imprensa o exaltava, os intelectuais se curvavam e os torcedores cariocas deliravam.

Para finalizar o porquê das homenagens a Pelé, conto uma história interessante que presenciei no Maracanã. Era um domingo à tarde, ensolarado, como é comum no Rio. Estádio lotado, jogavam Santos e um time carioca, que não me lembro qual foi. Então, no meio de campo, Pelé domina no peito, sempre com estilo inconfundível, e, de imediato, dá um chutão para cima. A bola vai muito, muito alto. A torcida achando que é uma jogada bisonha, dá uma vaia contundente, estrepitosa e desmoralizante. Mas, quando percebe que a bola cai no pé de Edu,

na ponta esquerda, percebe que se trata de um passe. A torcida, constatando o seu grave e estratosférico erro, se manifesta, delirantemente, com uma salva de palmas calorosa e efervescente e passa a gritar como louca o nome de Pelé.

Infelizmente, em 29 de dezembro de 2022, morreu o Edson. Mas jamais morrerá o Pelé. Este é imortal.

**Marco Antonio Barbosa**

Graduado em Engenharia Mecânica e Meio Ambiente pela Universidade Gama Filho em 1977. Trabalhou como Engenheiro na Feema, entre 1974 e 2007. Foi Coordenador da Câmara Especializada de Engenharia Mecânica do Crea-RJ em 2021. É engenheiro na Engetécnica Serviços e Construções LTDA e Diretor do Senge/RJ.